

Reseña de Garcia, J., Tognetta, L., & Vinha, T. *Indisciplina, conflitos e Bullying na escola*. 1. Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, (2013).

Silmalila Remedios Brooks
Autor referente: silmalila.remedios@gmail.com

Universidade Federal do Paraná

Historia editorial

Recibido: 08/04/2015

Aceptado: 26/05/2015

A escola deveria ser um espaço livre de violência, capaz de fornecer um ambiente favorável para o desenvolvimento adequado na infância e adolescência. Estas características permitem à escola ser um espaço agradável para adquirir novos conhecimentos onde possam ser fortalecidos os valores morais e a autoestima, assim como também possibilite o autoconhecimento e a formação de relações sociais positivas. Segundo Araújo & Silva (2006), as condições mencionadas anteriormente são necessárias para conseguir a convivência pacífica dos seres humanos. Atualmente, dentro do ambiente escolar são encontrados inúmeros problemas e conflitos que obstaculizam o cumprimento destes objetivos, e é disso que trata o livro “*Indisciplina, conflitos e Bullying na escola*”, o qual examina, brevemente, algumas dificuldades que surgem no âmbito escolar que dificultam o processo de ensino-aprendizagem.

O conteúdo do livro, dividido em três capítulos, é apresentado através de um prefácio escrito por Maria Suzana de Stefano Menin, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e professora titular da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Menin apresenta de forma abreviada os três capítulos do livro, com ênfase em um grave problema presente nas escolas brasileiras: a insuficiente formação dos

professores de ensino fundamental que lhes dificulta atuar apropriadamente frente a problemas presentes no âmbito educativo, tais como a indisciplina e/ou a violência.

O primeiro capítulo intitulado: *“A persistente indisciplina nas escolas: Um estudo sobre suas razões”* foi escrito por Joe Garcia, Doutor em Educação pela Universidade Católica de São Paulo e professor adjunto do programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Tuiuti do Paraná. Este capítulo trata sobre os problemas de indisciplina presente nas escolas, eo professor Garcia expõe algumas razões possíveis que ocasionam que suas manifestações persistam nas escolas, analisando suas implicações nas praticas educativas contemporâneas.

Garcia introduz o capítulo explicando que, ao longo da história, a indisciplina nas escolas sempre se tem observado, o que se evidencia em múltiplos escritos de filósofos e educadores como Platão ou Comenius, os quais na sua época falavam dos problemas de indisciplina presente na escola. Porém, é até o século XX que ocorre o inicio da pesquisa sistemática com relação à indisciplina escolar, sendo Jacob Kounin (nos Estados Unidos), um dos principais pesquisadores utilizados como referência no relacionado a pesquisas sobre o fenômeno da indisciplina. Joe Garcia define indisciplina como o incumprimento de regras e normas que se estabelecem na relação pedagógica, as quais têm o papel de regulação funcional, ajudando a produzir condições adequadas para obter um aprendizado coletivo.

O professor Garcia, com base na consulta a bases de dados e publicações relevantes no Brasil, assim como também fundamentado em suas experiências em projetos focados na formação de professores, verificou que uma das principais preocupações

dos professores consiste em superar problemas de indisciplina, que ocasionam perdas significativas de tempo de ensino. Para este autor, a indisciplina já foi interpretada como um reflexo da inadequação do aluno com relação à escola; entretanto, na atualidade a indisciplina é pensada como uma possível falta de adequação da escola em suas praticas, teorias, métodos de ensino e materiais pedagógicos.

Para Garcia os problemas de indisciplina são capazes de afetar o desenvolvimento da relação pedagógica e interferir no processo de ensino-aprendizado. Este autor enumera três possíveis razões pelas quais a indisciplina persiste na escola. A primeira é a ausência de uma visão única e práticas compartilhadas entre educadores de uma mesma escola com relação ao que constitui disciplina e indisciplina escolar. Isto causa que, sob a denominação genérica de indisciplina escolar, eventos tão distintos como agressões físicas, depredação do patrimônio escolar e o uso do telefone durante as aulas sejam considerados sinônimos. Dessa forma, o termo indisciplina acaba sendo utilizado para referir-se a um amplo e heterogêneo conjunto de problemas que realmente apresentam distintas naturezas. Garcia defende que a indisciplina tem persistido na escola por não receber uma leitura adequada do que ela significa.

A segunda razão descrita por Garcia é que a formação do professor está mais focada no domínio de conhecimentos específicos de uma determinada área das ciências, deixando vazios na formação necessária do professor para lidar com a indisciplina, conflitos ou violência que se apresentam na escola.

Finalmente, a terceira razão são as formas de intervenção disciplinares utilizadas pelos professores, que não sempre confirmam a abordagem pedagógica que sustenta

o processo formal de ensino-aprendizagem. Por exemplo, a forma em que alguns professores exercem sua autoridade quando disciplinam constitui uma espécie de regime de exceção, o que provoca a resistência dos alunos e usualmente produz mais indisciplina.

O capítulo escrito por Garcia finaliza com reflexões que sustentam que as práticas tradicionais de disciplina, baseadas no simples controle social na escola, estão perdendo eficácia, ao mesmo tempo em que desvalorizam a autoridade docente. A autoridade dos professores fracassa quando suas práticas de ensino são baseadas em coerção. A disciplina é essencial para as relações e para os processos de ensino, por isso se deve dedicar atenção à forma na que se intenta resolver os problemas relacionados com a indisciplina escolar.

O capítulo 2, escrito por Luciene Tognetta, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo e investigadora do grupo de pesquisa em Educação Moral (GEPEM - UNICAMP/UNESP), se intitula "*Bullying na escola: O olhar da psicologia para um problema moral*". O capítulo se enfoca em explicar e contextualizar o que é o *bullying* escolar (definição, descrição do fenômeno, protagonistas, etc.) e descrevem, brevemente, algumas das possíveis causas e consequências do fenômeno, a participação do professor na sua prevenção e as principais contribuições da psicologia moral para a compreensão e ação contra este problema.

Tognetta, antes de discutir o que é considerado como *bullying*, introduz o capítulo explicando duas questões relacionadas com o possível aumento da violência na

escola: a primeira, é que existe uma violência estabelecida nas escolas; e a segunda questão é que a escola na atualidade nem sempre é entendida pelos estudantes como um lugar de aprendizado, convivência e prazer; pelo contrário, as informações sobre o mundo são obtidas através da mídia, há qual cada dia evolui em competência e velocidade. Nesse contexto, é preciso pensar que a escola deve ter por objetivo não somente a transmissão de informações, mas também a possibilidade que os alunos possam coordenar perspectivas, comparar as informações recebidas com outras fontes, antecipar consequências de seus atos, discutir sobre diferentes conhecimentos, etc. Para conseguir isto é fundamental que os alunos tenham um professor em que possam confiar como guia.

Um dos problemas presentes no âmbito escolar segundo Tognetta é o *bullying*, o qual ao estar presente neste âmbito afeta a formação e o processo de aprendizado dos estudantes. Não existe uma tradução exata em português para a palavra *bullying*, devido a que o significado desta forma de violência é demasiado complexo. O *bullying* é uma violência entre pares que possui quatro características principais: a) Intencionalidade do agressor em causar dano físico ou psicológico à vítima; b) As agressões contra a vítima são recorrentes e ocorrem por um tempo prolongado; c) A existência de um desequilíbrio de poder físico ou psicológico entre agressor e vítima; d) Existência de uma vítima frágil ou fácil de agredir.

Tognetta cita que em diversas pesquisas realizadas no Brasil se tem comprovado que o autor do *bullying* tem uma hierarquia de valores invertida, considerando que os valores individuais são melhores que outros valores morais. O *bully* acredita que a valentia, a intimidação e o poder a qualquer custo são mais importantes que a humildade, a justiça e a tolerância ao diferente. Alguns autores de *bullying* podem, em

algumas circunstâncias, ter sido eles mesmos vítimas de seus pais ou seus iguais, sendo condicionados a acreditar que a única forma de evitar ser vítima é provocando a outros.

De forma semelhante ao apresentado no capítulo anterior por Garcia, Tognetta menciona que os professores muitas vezes não estão bem capacitados sobre como atuar diante de problemas de violência ou indisciplina. A preocupação nas escolas está relacionada com quantidade de informação a transmitir, e não na inclusão de atividades que permitam aos alunos aprender a conviver e resolver conflitos pacificamente, habilidades necessárias para que o ser humano possa viver em harmonia. Quando não afeta ao professor, a violência entre pares é muitas vezes enxergada como uma brincadeira ou é ignorada pelos professores. Tognetta considera que muitos professores não levam em consideração que os conflitos que ocorrem na escola devem ser vistos como oportunidades de aprendizado, e que é importante trabalhar com os alunos temas como a ética, relações interpessoais e a resolução de conflitos, criando espaços onde a infância possa participar em decisões a ser tomadas, ajudando na prevenção do *bullying* escolar.

Segundo Tognetta, entre as maiores contribuições da psicologia moral, a partir de Piaget e outros autores, estão reconhecimento de que os valores morais não são transmitidos, mas construídos e vividos nos conflitos cotidianos, nas situações que permitam pensar sobre os problemas e escutar o que sentem o pensam cada uma das partes. Em outras palavras, se desejam alunos com ética moral, é preciso cuidar do ambiente onde vivem e se desenvolvem, assim, a autora defende que o *bullying* é um problema consequente da falta de ética.

O capítulo 3, escrito por Telma Vinha, Doutora em Educação pela Universidade de Campinas e professora do Departamento de Psicologia Escolar da Faculdade de Educação da mesma universidade, se titula “*Os conflitos interpessoais na escola*”. Esta autora explica neste capítulo brevemente alguns dos problemas que se podem apresentar no âmbito escolar (problemas de indisciplina, violências, conflitos, etc.) e como estes afetam o processo de ensino-aprendizado, e a forma em que estes problemas são abordados pelos professores.

A partir de sua experiência em diálogos com os professores, Vinha menciona que é evidente a presença da violência entre alunos, indisciplina, falta de respeito e conflitos dentro da escola. Quando os professores se encontram em situações como estas, expressam sentir-se não preparados e inseguros para intervir de forma mais construtiva neste tipo de situações. Muitos professores não se consideram aptos para mediar os conflitos de forma que favoreça o aprendizado de valores e normas. Nesse contexto, cada professor utiliza a estratégia de ensino que acredite seja a melhor para conter o problema, por exemplo, dar notas baixas, ameaçar, punir, castigar, dialogar, vigilância sistemática, etc.

Para Vinha, com base em pesquisas feitas no Brasil e seu trabalho com professores nesse país, afirma que alguns professores consideram a administração das situações de conflito entre os estudantes como algo desvianteda função do professor, é dizer, que não faz parte do curriculum. Desta forma, propõem intervenções com o intuito de controlar ou proibir aos alunos. Por exemplo, diante de agressões físicas, muitas escolas optam por castigar o aluno com suspensões e/ou advertências; porém, esse tipo de castigo não consegue ensinar ao aluno a identificar seus sentimentos de raiva ou dor e a expressá-lo de forma adequada.

Em estudos realizados por Vinha, a autora percebe nas escolas de Brasil um conceito tradicional sobre conflitos, ou seja, os conflitos são percebidos como negativos e prejudicam o curso das aulas, assim como as relações interpessoais que ocorrem nesse espaço. Os professores se sentem irritados quando se enfrentam a conflitos como roubos, danos ao patrimônio escolar ou agressões. Por isso, a escola elabora regras com o intuito de evitar todo tipo de conflitos que possam acontecer.

Com base em pesquisas realizadas no Brasil, Vinha classifica a forma como os professores lidam com o conflito em três categorias. A primeira são as intervenções centradas em evitar os conflitos, que consistem em a elaboração de regras, controlar comportamentos por meio de filmadoras ou de vigilância sistemática, trancar com chave os armários e salas de aulas para evitar furtos, assim como ocupar aos estudantes com atividades de pouco valor pedagógico como copias de conteúdos e exercícios de repetição. A segunda categoria visa à contenção dos conflitos, por exemplo, a imposição de soluções prontas como transferir ao aluno para a família ou para um especialista, o uso de punições e outros mecanismos de controle utilizados para a escola que parecem funcionar temporalmente, mas que realmente reforçam e agravam o problema. A terceira são as intervenções caracterizadas pela ausência de intervenção (ignorar o conflito), ou por ações bastante pontuais dos adultos como chamadas breves de atenção, gestos ou expressões que mostram irritação ou descontento.

Com base em informes de pesquisas consultados por Vinha, ela afirma que alguns professores atribuem mais gravidade a desavenças ocorridas entre alunos e autoridade, que as que ocorrem entre pares, as que tendem a ser minimizadas por ser consideradas pelos professores como brincadeiras próprias da idade. Essa atitude

facilita que ocorram mais casos de *bullying*, *cyberbullying*, maus-tratos ou intimidação entre alunos. Também se sugere que a escola tem lidado com todo tipo de conflitos entre pares como se fosse indisciplina (contendo o conflito ou utilizando mecanismos para evitá-lo), a pesar das diferentes manifestações e formas em que possam aparecer. Diante disso, o professor se enfoca em restaurar a harmonia na sala de aula, sem realizar intervenções construtivas que incentivem a compressão da importância do respeito, a coordenação de perspectivas e sentimentos, assim como o diálogo entre alunos.

Dessa maneira, a forma em que a escola tem lidado com os conflitos no longo prazo contribui para formar jovens com baixo índice de habilidades sociais apresentando dificuldades para que estes possam opinar assertivamente, expor e discutir seus sentimentos e escutar diferentes pontos de vista sem sentir-se ameaçados, habilidades importantes no processo para tomar decisões e a comunicação sem violência. A resolução de conflitos na escola por parte dos professores muitas vezes inclui mecanismos primitivos como reações impulsivas, submissas ou agressivas.

Em seu texto, Vinha identifica três tendências para a resolução de conflitos: a) A assertividade, que enfrenta as situações expressando ideias, pensamentos e sentimentos, considerando, valorizando e respeitando o ponto de vista dos outros; b) A agressividade, que expressa sentimentos e/ou pensamentos de forma coerciva, impositiva ou por meio de violência física, verbal ou psicológica; c) A submissão, que não enfrenta o conflito, e foge ou esquiva o contato direto com o outro.

Desde a perspectiva construtivista, Vinha explica que os conflitos são processos naturais em qualquer relação social e que o conceito de harmonia não significa ausência de conflito, já que estes são necessários para o aprendizado de valores e o desenvolvimento adequado durante a infância e adolescência. Exemplo disso é a cooperação, desenvolvida durante o processo de resolução de um problema onde os envolvidos consideram os sentimentos, pontos de vistas e ideais do outro. Por conseguinte, a intervenção com relação ao conflito se enfoca no processo, ou seja, na forma em que o conflito é enfrentado.

Às vezes os professores retiram dos alunos a oportunidade de resolver o conflito ou o problema, resolvendo eles mesmos os conflitos que se apresentam ao dizer o sugerir o que tem que ser feito. Segundo Vinha, em situações de conflito o professor pode e deve intervir, mas ajudando aos alunos a verbalizar seus sentimentos, pensamentos e vontades, promovendo a interação, a tolerância, o autocontrole e a reflexão com o intuito de resolver ou entender um problema em conjunto. Os professores devem saber transformar os conflitos em oportunidades de aprendizado.

Vinha explica que é necessário contar com profissionais preparados e com conhecimentos para tratar e intervir em situações de indisciplina, conflitos e/ou de violência. Como também é preciso que se estabeleçam relações de confiança, cooperação, respeito mutuo, e se ofereçam espaços de participação efetivos. Espaços temporais como círculos restaurativos (nos que participam um facilitador e a rede de apoio, ademais das partes envolvidas) e assembleias que procuram mediar conflitos e melhorar e prever a violência.

A autora da presente resenha considera que o livro é uma fonte de informação útil para compreender de forma clara e precisa alguns dos problemas que surgem dentro do âmbito acadêmico (indisciplina, violência entre pares, conflitos, entre outros) que interferem com o processo de ensino-aprendizado. O livro ajuda a conhecer algumas das causas destes problemas e explica como prevenir e intervir nestas situações. Os três autores deste livro coincidem em que a escola é mais que um lugar para adquirir conhecimentos, constitui um lugar onde se formam valores importantes para a convivência pacífica em sociedade. Igualmente, coincidem na importância de formar, preparar e capacitar continuamente a professores para que estes possam oferecer uma educação de qualidade.

Isto também é respaldado por muitos outros autores, tais como Pereira (2013), quem expressa que a escola não deve limitar-se a ser repassadora de conhecimentos, mas deve ser um espaço que permita que todos os alunos possam exercer sua cidadania, através da construção de alternativas para a superação de quaisquer tipos de dificuldades que se possam apresentar. Os autores do livro tratado na resenha também destacam a importância que tem a capacitação e formação adequada de professores por parte das instituições educativas para que os docentes possam coordenar atividades enfocadas na resolução de conflitos, a cooperação na sala de aula e o desenvolvimento de valores morais para viver em sociedade, assim como o autoconhecimento, o autocontrole e a autonomia.

Um aspecto que a autora da presente resenha considera oportuno destacar é que ao longo do livro se faz muito ênfase nas responsabilidades, deveres e importância que têm os professores dentro da escola para a formação e desenvolvimento adequado durante a infância e adolescência, mas não se indica a importância e o papel que tem

a família em todo o processo de ensino-aprendizado. No livro não é tratada a interação entre família e centro escolar. Não é adequado falar de educação, de infância e adolescentes sem considerar o fundamental trabalho em conjunto que realizam a escola, o professor e a família.

Diversos autores em suas pesquisas têm manifestado a importância dessa relação. Alguns destes autores são Jares (2002a, 2002b), Milani (2003), Outeiral&Cerezer (2006), Ruotti, Alves & Cubas (2006), Soares & Machado (2013), os quais explicam que as crianças se relacionam primeiramente com os pais, depois com os outros membros da família. É posteriormente a estas relações que as crianças se incorporam no ambiente escolar que os prepara para a cultura e a sociedade na qual o indivíduo estará inserido. Para os autores listados, tanto o sistema educativo quanto a família têm a fundamental tarefa de ensinar as normas de convivência indispensáveis para viver em paz, e destacam que não se pode responsabilizar ao sistema educativo pela presença de violência ou indisciplina na escola. O trabalho em conjunto da escola e a família é fundamental, ambas as partes precisam ter uma estreita relação e uma boa comunicação para detectar problemas a tempo e procurar soluções para elas. Por exemplo, se um aluno agredir fisicamente a outro aluno ou a um professor, e os pais de família não o repreendem, não haverá um aprendizado significativo mesmo que a escola sancione a este aluno.

Os Pais de família (ou os principais responsáveis das crianças e adolescentes) devem ter uma boa comunicação com os professores e a escola, trabalhando em conjunto com os projetos que se realizem dentro do ambiente escolar. Para Jares (2002a) a disciplina, ademais de ser algo inerente a todo processo educativo, tem que ser

aprendida e praticada tanto nas famílias como na escola para atingir objetivos de ensino-aprendizado como grupo e como indivíduo.

Referências

- Araújo, J. & Silva, J. (2006). O fazer pedagógico do professor: Um caminho da educação pela paz. Em M. Bomfim & K. Matos (Orgs), *Juventudes, Cultura de Paz e Violências na escola*, (pp. 178-185). Fortaleza: Editora UFC.
- FACEPE. 36ª Reunião Nacional da ANPEd. Goiânia-GO. Recuperado de: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt20_trabalhos_pdfs/gt20_3139_texto.pdf.
- Jares, X (2002a). Aprender a Conviver. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 44, 79-92.
- Jares, X. (2002b). *Educação para a paz: Sua teoria e sua prática*. (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Outeiral, J. & Cerezer, C. (2006). Agressividade, transgressão e limites no desenvolvimento da criança e do adolescente. Em: J. Outeiral & C. Cerezer (Orgs), *O mal-estar na escola*, (pp. 49-60). Rio de Janeiro: Revinter.
- Milani, F. M. (2003). Cultura de paz x violências: Papel e desafios da escola. Em: F. M. Milani & R. C. Jesus. (Orgs.), *Cultura de Paz: Estratégias, mapas e bússolas* (pp. 31-60). Salvador: INPAZ.
- Pereira, M. A. (2003). *Violência nas escolas: visão de professores do ensino fundamental*. (Tese de Maestria inédita). Universidade de São Paulo, Brasil.
- Ruotti, C., Alves, R. & Cubas, V. (2006). *Violência na escola: Um guia para pais e*

professores. São Paulo: Andhep: Imprensa oficial do estado de São Paulo.

Soares, M. B. & Machado, L. B. (2013). Violência contra o professor: Sentidos

compartilhados e práticas docentes frente ao fenômeno. Agência Financiadora:

Formato de citación

Brooks, S. (2015). Reseña de Garcia, J.Tognetta, L., & Vinha, T. *Indisciplina, conflitos e Bullying na escola*.1. Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, (2013). *Revista Psicologia, Conocimiento y Sociedad* 5(1), 149 - 162. Disponible en [www.http://revista.psico.edu.uy](http://revista.psico.edu.uy)
